

A + B (12 set. 1886)

A. – Você já viu nada mais curioso que este tempo?

B. – Que tempo?

A. – O tempo, – o tempo escuro, o tempo claro, ventoso, chuvoso, caloroso...

B. – É o seu ofício. Mais esquisito me parece o general Santos, que ora agoniza, ora despacha; há poucas horas estava com um pé na sepultura; há meia hora retificou um decreto.

A. – Pois tudo isso é do tempo. Também há poucos dias estavam uns oitocentos contos muito caladinhos, na tesouraria de fazenda de Pernambuco; vai senão quando pegam em si e abandonam a caixa, sem deixar a menor notícia do destino; – um bilhete que fosse, – um bilhete de quinhentos réis, que podia ficar muito quieto e explicar-se com a polícia. “Os meus colegas, diria esse gracioso infante, saíram daqui com intenção de evitar, embora por caminhos mais longos e tortuosos, a estrada do imposto por exemplo, que é comprida como todos os diabos. Não voltarão todos juntos, nem no mesmo ano; mas, se é verdade que Roma não se fez num dia, também é certo que não se desfez num ano. Foi o que eles me disseram.”

B. – Não creia que eles fizessem isso; bilhete pernambucano não imitaria assim o caso do consulado português, onde uma libra disse a mesma cousa aos poderes públicos, quando desapareceu dali uma quantia grossa...

A. – Era esterlina?

B. – Esterlina.

A. – Ah! as libras esterlinas são muito sinceras. Eu creio mais em uma libra esterlina, quando é mesmo esterlina, do que em cinco mil-réis; mas no caso presente era apenas dar um recado...

B. – Isso, mas era imitar; e você sabe... a guerra dos mascates... Veja, por exemplo, o caso do English Bank; aí não houve a menor hesitação, justamente por não ser o bilhete pernambucano, mas a nossa boa libra amiga...

A. – Ficou alguma?

B. – Tudo estava acabado, morto, esquecido, creio que já lançado a lucros e perdas, quando reapareceu uma pessoa e disse: “Vamos ver como se passou este negócio.”

A. – Parece-lhe então que voltarão todas?

B. – Não digo tanto; algumas até já terão voltado, em depósitos, letras, cambiais e... A pessoa que voltou quer saber como a descoberta se passou e, se é verdade que o Banco *n'avait oublié qu'un point...*

A. – *C'était d'allumer sa lanterne?*

B. – Acertou. É incrível como você ainda não esqueceu esses e outros adminículos do fabulista...

A. – Ah! meu amigo, as fábulas são ainda agora as cousas mais verdadeiras desse mundo e do outro; o próprio Deus algumas vezes falou por parábolas. Com que então, o Banco esqueceu o principal do negócio?

B. – Justamente; e é por aí que vai a gata aos filhos.

A. – Cá está outro petisco. Parece que se descobriu que o testamento de Custódio Bíblia...

B. – Quem?

A. – Custódio Bíblia. Conheceu-o?

B. – Não. Conheci há muitos anos um padre protestante, que aqui andava pregando e a quem o *Apóstolo* chamava por desprezo *O Bíblia*, assim como se dissesse: – *o pinta-monos*.

A. – Pois não é esse; é um Custódio José Gomes, que tinha aquela alcunha, morreu há tempos, deixando um testamento. Diz-se agora que o testamento é falso, e acrescenta um jornal que pessoas de conceito estão envolvidas no negócio.

B. – Diabo.

A. – Diga-me cá. Juntando todas essas cousas a outras cousas, não lhe parece que aqui há cousa?

B. – Há cousa e pessoas; mas, estando as pessoas no plural e a cousa no singular, chega-se à necessidade de uma divisão equitativa da cousa, porque em suma, é preciso brilhar, gozar...

A. – Mas um país riquíssimo?

B. – O Belisário já provou que esta velha chapa não merece atenção de homem sério. Nem o país é riquíssimo, nem riqueza escondida vale grande cousa. Toda a questão é ir buscá-la. A mais rica pérola do mundo, escondida aos olhos do homem, vale menos que este níquel de duzentos réis. Finalmente, li há pouco, agora mesmo, uma velha verdade da ciência moderna. Você crê na luta pela vida?

A. – Como não crer, se é a verdade pura?

B. – Bem: na luta pela vida tem de vencer o mais forte ou o mais hábil. Você é forte?

A. – Sou um banana.

B. – Pois seja hábil. *Make money*; é o conselho de Cássio. *Mete dinheiro no bolso*.

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]
[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 12 set. 1886]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda